

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-29

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Amorim, P. & André, P. (2017). Movimento Praia da Estação: dinâmicas urbanas, cultura e criatividade. In Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão. (pp. 6-18). Évora: CHAIA/UÉ.

Further information on publisher's website:

<http://www.chaia.uevora.pt/uploads/pdfs/775dd28cc5bcb01abc1593dc96e88146f0abd87d.pdf>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Amorim, P. & André, P. (2017). Movimento Praia da Estação: dinâmicas urbanas, cultura e criatividade. In Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão. (pp. 6-18). Évora: CHAIA/UÉ.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

PATRÍCIA AMORIM (ISCTE-IUL)

Paula André (ISCTE-IUL – DINÂMIA'CET-IUL)

“Movimento Praia da Estação: dinâmicas urbanas, cultura e criatividade”

Resumo

O processo de pós-industrialização desencadeou o investimento nas atividades industriais inovadoras e nos setores de serviços de alto valor adicionado devido à transformação de valores sociais e culturais, celebrando o culto das mudanças e inovação. Nesse contexto, ganha destaque a indústria do conhecimento e da criatividade, surgindo os conceitos “indústrias criativas”, “economia criativa” e “cidades criativas”. Muitas das abordagens feitas pelos principais autores estão relacionadas com a procura de novos modelos de planeamento e ordenamento do território, introduzindo mecanismos políticos de governo das cidades, na construção de novos fatores de competitividade e atratividade, para funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana. Entretanto, não é posto em questão como potencializar a criatividade no território para além dos ditames económicos. Portanto, pretende-se analisar como o uso do ambiente urbano, de forma espontânea, pode assumir uma função de alavanca na geração de dinâmicas criativas e no desenvolvimento de atividades culturais no espaço público. Para tanto, é apresentado, como principal objeto de estudo, a Praia da Estação: movimento de ocupação do espaço público de carácter cultural e político, que acontece há cinco anos na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil. A primeira Praia da Estação foi realizada no dia 16 de Janeiro de 2010 e a partir desta data foi instituído a realização do encontro todos os sábados do verão. A Praia da Estação gerou vários outros pontos de debate em relação à ocupação dos espaços públicos da cidade, além de ter agregado um imenso número de pessoas da classe criativa, que aproveitaram tal encontro para gerar novas formas de manifestações culturais, como o surgimento de novas bandas, colectivos de arte e produção cultural.

Palavras-chave: **Movimento Sociocultural, Espaço Público, Praia da Estação, Criatividade, Cultura.**

Introdução

A ideia de espaço público está estreitamente relacionada com a realidade da cidade, os valores de cidadania e o horizonte da civilização. Os lugares públicos apresentam a imagem que as sociedades têm de si próprias, fazendo da cidade um lugar particular da sua representação. É possível encontrar um expressivo resumo da nossa maneira de nos compreender mutuamente nos nossos percursos, nas relações de vizinhança ou no modo de urbanizar esse espaço. Assim como as palavras e as ações geram um espaço público, também o espaço gera determinadas formas da política. O ambiente urbano não só reflete a ordem social, como constitui, na realidade, grande parte da existência cultural.

Foi a partir dos conceitos de “criatividade” e “indústrias criativas” que emergiu o conceito de “cidade criativa”. Existem diversas abordagens sobre o que esta representa, bem como a sua importância para o desenvolvimento urbano. Vários autores têm contribuído para a teorização do tema, salientando-se, entre outros, Landry (2009), Caves (2000), Howkins (2001), Florida (2002) e Carta (2007).

O processo de pós-industrialização desencadeou o investimento nas atividades industriais inovadoras e nos setores de serviços de alto valor adicionado, devido à transformação de

valores sociais e culturais, celebrando o culto das mudanças e inovação. Nesse contexto, ganha destaque a indústria do conhecimento e da criatividade, surgindo o conceito de indústrias criativas. É nesse cenário que tem origem a tendência da economia criativa, que é fomentada pelas novas tecnologias, pela expansão das redes e pelos princípios de conexão e conectividade, geralmente do ponto de vista dos negócios, e das cidades criativas, conceito de identidade urbana e fator de geração de turismo e imagem, de carácter urbano, económico, cultural, ambiental ou social.

O crescente papel das atividades culturais no desenvolvimento territorial e nas dinâmicas associadas à noção de cidades criativas põe em discussão a relação entre o espaço urbano e o desenvolvimento de atividades criativas e culturais realizadas nesse mesmo espaço.

Muitas das abordagens associadas ao conceito de indústrias criativas, economia criativa e cidade criativa estão relacionadas com a procura de novos modelos de planeamento e ordenamento do território, introduzindo mecanismos políticos de governo das cidades, na construção de novos fatores de competitividade e atratividade, para funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana.

A abordagem do tema, realizada pelos principais autores, enfatiza a questão de mecanismos de valorização de identidade cultural, imaginação e criatividade, diversidade, tolerância social, cultura local, educação, entre outros, como fatores importantes do desenvolvimento de uma cidade criativa. Os termos atuais, que englobam a criatividade, estão atrelados aos megaeventos, a seus megaequipamentos desportivos e culturais, às culturas cultivadas, ao mecanismo político e a todo o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo. Entretanto, é pouco questionado o modo de potencializar a criatividade no território além dos ditames institucionais.

Portanto, pretende-se analisar como o uso do ambiente urbano por meio de manifestações espontâneas pode assumir a função de alavanca na geração de dinâmicas criativas e no desenvolvimento de atividades culturais no espaço público. Para tanto, tomamos como objeto de estudo um movimento político-cultural de carácter popular e lúdico, designado por Praia da Estação, realizado na Praça Rui Barbosa, conhecida como Praça da Estação, na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil.

O movimento originou-se a partir de um decreto publicado pelo prefeito da cidade de Belo Horizonte proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. A partir de então, cidadãos começaram a ocupar o espaço com manifestações lúdicas e culturais como forma de protesto. Desde então, a Praia da Estação tornou-se um dos maiores movimentos culturais da cidade. Um ato de desobediência civil que faz do espaço um ponto de encontro, principalmente de integrantes da classe criativa, como músicos, arquitetos, fotógrafos, publicitários, gestores e produtores culturais, atores, artistas plásticos, além de sociólogos, antropólogos, entre outros.

Para a proposição do modelo de metodologia da pesquisa, o processo de investigação buscará integrar a análise indutiva e dedutiva. A estratégia de investigação foi realizada a partir da pesquisa qualitativa-intensiva, sustentada num paradigma urbano que está articulado com as manifestações políticas-culturais e a dimensão destas nos espaços públicos. Assim, foram

realizadas entrevistas não estruturadas com os participantes da manifestação, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado na concepção do entrevistado. Os entrevistados escolhidos foram aqueles que participam desde o início do protesto ou que estavam envolvidos em atividades culturais e/ou criativas, com o objetivo de analisar o percurso da manifestação desde sua concepção até os dias de hoje, e também, de classificá-los como integrantes da classe criativa.

Em tal situação, é importante a utilização de registros imagéticos documentais já existentes, como também, registros a serem produzidos sobre identidades culturais e sociais de comunidades e grupos, a partir de suas representações estéticas e valores simbólicos. Desse modo, é possível ter formas de narrativas não-verbais como elemento de análise e interpretação de identidades culturais, estruturando uma relação consciente entre imagem e realidade.

Este estudo participará na defesa dos espaços públicos, com a criação de dados fundamentais de transformações das cidades e das mudanças de comportamento social.

Movimento na Praça Rui Barbosa – Praça da Estação.

Antes de analisar o objeto de estudo, pensa-se na importância em contextualizar os movimentos socioculturais contemporâneos.

É importante estabelecer relações entre o processo de globalização contemporânea, culturas da juventude e formas de objeção dos jovens da atualidade. Ao analisar o processo de globalização dos dias atuais, podem-se verificar as tensões e complexidades que esse período histórico estabelece para as configurações das sociedades vigentes. Percebem-se as transformações provocadas pela etapa histórica contemporânea, que estipula novas perspectivas configuradoras das formas de ser e existir no mundo, tendo em conta os processos de individualização como as movimentações sociais¹.

Procuramos refletir sobre processos de construção das culturas juvenis num período histórico como o da globalização contemporânea, marcado pela intensa interação, comunicação e fluxos informacionais. As culturas conduzem à construção de estilos de vida conectados a experiências sociais dos jovens e que, em sentido mais restrito, têm a ver com a constituição de microssociedades independentes². O elo entre culturas juvenis e globalização é verificado como inseparável da análise dos processos ligados à globalização da cultura e à produção do imaginário, circulação e produção de localidades. As características do processo de globalização que vivemos - um mundo de fluxos - dão-se, também, por objetos em movimento, tais como: ideias e ideologias, pessoas, bens, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas³.

Esse ideal, desenvolvido a partir da globalização, observado pelos processos dinâmicos de intercâmbio cultural e simbólico, mostra tendências de estruturação das culturas dos jovens, referenciadas e constituídas por processos de intercâmbio cada vez mais globais e com grande influência na produção dessas mesmas culturas nas localidades onde é seu efetivo território de atuação.

Colocam-se muitos questionamentos quanto às diferentes formas de urbanismo e de governo urbano colocadas em prática por diferentes políticas territoriais, quando se observam diversos

¹ OLIVEIRA, Igor - Uma Praia nas alterosas, uma antena parabólica ativista, p.35

² Apud OLIVEIRA, Márcia Costa - Uma Praia nas alterosas, uma antena parabólica ativista, p. 36

³ OLIVEIRA, Igor - Uma Praia nas alterosas, uma antena parabólica ativista, p.36

movimentos contemporâneos que têm como característica a ocupação dos espaços urbanos. Diferentes movimentos sociais surgiram em várias partes do mundo, obtendo expressivo destaque por causa das suas atuações políticas. Mesmo apresentando uma pauta particular a seus contextos, tais movimentos, por apresentarem formas similares, tomaram a dimensão de movimento global. Entre eles destacam-se a “Primavera Árabe” (Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen), alargando-se à Europa, com ocupações e greves em Portugal, Espanha e Grécia. As revoltas no subúrbio de Londres, ocupações na *Wall Street*, nos Estados Unidos da América e mais tarde a Revolta Turca em Istambul, também foram destaques no cenário mundial.

Houve o mesmo formato de protestos, nos países citados, que tinham como característica o uso de redes sociais da Internet para a organização e divulgação e, posteriormente, ocupação de espaços urbanos - especialmente praças -, os chamados *okupa*⁴.

Nesse cenário, surge o movimento da Praia da Estação, em Belo Horizonte, onde se observam características semelhantes aos movimentos globais.



Figura 1- Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010, ©Praçalivrebh.worldpress.com.

Praia da Estação

Em dezembro de 2009, a Prefeitura de Belo Horizonte, liderada pelo prefeito Márcio Lacerda, publicou um decreto proibindo eventos de qualquer natureza na Praça Rui Barbosa, popularmente conhecida como Praça da Estação, um espaço público icônico da capital de Minas Gerais, Brasil. A prefeitura alegava que tinha dificuldade em limitar o número de pessoas presentes nos eventos e, para garantir a segurança pública e evitar a depredação do patrimônio público, ficou proibida a realização de qualquer tipo de evento no local.

A partir desse momento, os cidadãos reagiram e começaram a discutir, nas redes sociais, sobre a decisão autoritária do prefeito. Através de um blog organizaram, o protesto “Vá de Branco”, que ocorreu no dia sete de janeiro e juntou cerca de 50 pessoas.

⁴ Os okupas também são conhecidos como squatters. Entre eles, o termo “ocupação” é grafado com K para diferenciar suas intervenções das outras, marcando o caráter político de seus atos. A letra remete ainda à cultura punk, que, ao lado do anarquismo, forneceu as diretrizes básicas do movimento squatter. As ocupações são feitas em regime de autogestão, sem chefes ou líderes. Para os okupas, a construção de um espaço alternativo baseado em princípios de solidariedade e respeito mútuo é uma forma de resistir ao pensamento capitalista, centrado nas noções de propriedade privada e na massificação cultural. Disponível em: revistadehistoria.com.br/secao/artigos/okupar-e-resistir.



Figura 2 – Imagem divulgada nas redes sociais para o encontro “Vá de Branco” @vadebranco.blospot.com.

Nesse encontro ficou assente, para os manifestantes, a necessidade de iniciar um movimento de raiz popular, não partidário e a favor de uma cultura local e gratuita. Das discussões que se seguiram, surgiu a ideia do movimento “Praia da Estação – A Praça é Nossa”. Assim, de acordo com Migliano (2013), os ativistas decidiram marcar encontros na praça aos sábados, com piquenique, bebidas, biquíni e calção, toalhas, chapéus, tambores e guitarras. “O convite incitava a ação lúdico-política na praça, já que a ideia era ocupar a praça para viver um dia de praia, encontros inusitados e de muita conversa sobre o decreto”⁵.

Neste cenário, os manifestantes criaram os Eventões, convocando a população a levar para a praça eventos de qualquer natureza, contrapondo-se ao artigo 1º do decreto. A primeira Praia da Estação foi realizada no dia 16 de janeiro de 2010 e, a partir dessa data, foi instituído o encontro todos os sábados do verão.



Figura 3 – Imagens divulgadas nas redes sociais para a primeira Praia da Estação. @midiaindependente.org.

⁵ MIGLIANO, Milene - Praia da Estação Como Ação Política, p.43

Centenas de pessoas aderiam ao protesto, que causou a intervenção do poder público no local. Policiais chegaram a cercar a praça com fita de isolamento, mas acabaram cedendo diante do argumento de que pessoas reunidas, a rigor, não configuravam um evento. Tentaram novamente impedir a ação argumentando que cadeiras e barracas são mobiliário urbano, portanto, o movimento se configurava como tal. Com isso, os manifestantes tomaram a iniciativa de segurar cadeiras e tendas no ar, desconstruindo o argumento dos policiais. O ato de proibição gerou a indignação dos manifestantes, que decidiram bloquear o tráfego de automóveis no entorno da praça, fazendo com que alguns manifestantes fossem presos.



Figura 4 – Imagem Policiais na Praia da Estação. ©Priscila Musa

O depoimento de João Flor de Maio, arquiteto e artista plástico, demonstra uma compreensão da interação com o espaço urbano vinculada à ideia de protesto, a um caráter de manifestação política e social. Pelas suas palavras fica evidente a compreensão de que o momento permite que um espaço ofereça experiências subjetivas e que essa ocupação traria consigo questões como a ilegalidade e a audácia na sua produção, sendo uma criação intimamente vinculada à vivência da cidade.

Teve um evento que eu fui preso. [...] A praça tem uma fonte, que inclusive eles não têm ligado mais, para tentar atrapalhar o movimento, que não faz diferença porque as pessoas dão um jeito. E nesse dia quando ligaram a fonte, um rapaz tirou a roupa. Era uma época que tinha uma tensão política contra o prefeito, o mesmo prefeito do decreto, e rapidinho apareceram policiais e fizeram ele se vestir de novo. Eu não sei como, de repente, apareceu o batalhão inteiro da polícia ali. Cavalos... enfim... uma coisa absurda porque o cara ficou um segundo ali sem roupa, na praça. [...] Eles queriam prender o cara de qualquer jeito. Queriam usar a força, né? E aí, naquela confusão, naquela emoção veio um bloco de carnaval que estava ensaiando, e ficou tocando na frente do carro da polícia. Algumas pessoas se sentaram no chão para impedir o carro de polícia de sair. Mas a polícia militar veio formando um cordão, eles se deram os braços e foram empurrando as pessoas, que conseguiram escapar. Levaram o rapaz e nessa hora todo mundo começou a gritar, muito emocionados, “vamos tirar a roupa também”. Foi aí que eu tirei a roupa, só que eu achei que ia ser um movimento. No caso, eu acho que a maioria ficou um pouco tímida e eu soube que mais uma ou duas pessoas tiraram a roupa também, mas por alguma razão a polícia me levou. E foi bem tenso, porque tinha helicóptero. O que me revoltava naquele momento era a mobilização enorme do estado por causa de um motivo absolutamente banal (entrevista de João Flor de Maio, 2014, Anexo A, p. 83).

As trocas de experiências e o vínculo afetivo estabelecido entre os participantes do movimento mostram-se bastante fortes em alguns discursos, evidenciando seu caráter identitário. Em entrevista dada à SescTV, o antropólogo e produtor cultural Rafael Bastos ressalta:

“É interessante. O chamado falava para as pessoas trazerem adereços, biquínis, caixa de isopor, prancha, boia. Elementos que pudessem de alguma forma compor esse momento, além de cartazes ou faixas, que pudessem de alguma forma informar às pessoas que transitavam, que passavam por aqui, do que se tratavam. A gente já estava se preparando para refrescar e aplacar o calor com a água da fonte. Mas pensamos que poderia haver o boicote da prefeitura e as fontes serem desligadas. E foi o que aconteceu. As fontes foram desligadas. Nós “passamos o chapéu”, fizemos uma “vaquinha” e pagamos o caminhão-pipa. Tivemos o primeiro banho da Praia da Estação com o caminhão-pipa, que acabou virando um grande ícone, um grande símbolo da Praia da Estação aqui em Belo Horizonte. Então, talvez, o banho do caminhão-pipa, do ponto de vista performático, imagético, seja o momento ápice da praia no instante de subversão e ao mesmo tempo de “rasteira” dentro do ato, do gesto deliberado do poder público em tentar minar a intervenção da sociedade, cortando a água das fontes (Entrevista de Rafael Bastos ao SescTv)”⁶



Figura 5 – Imagem Praia da Estação, janeiro 2010 ©pracalivrebh.wordpress.com.

A repercussão nos *media* locais e nacionais, e a persistência dos manifestantes em continuar o movimento todos os finais de semana, cada vez agregando mais adeptos e outras práticas culturais, fizeram com que a prefeitura reagisse. Instituiu-se uma comissão não paritária para rever o decreto e formular uma nova solução para o uso da praça. No dia 4 de maio de 2010, o decreto que proibia os eventos foi revogado. Entretanto, a prefeitura publicou um novo decreto em que estabelecia que os eventos deveriam ser licenciados, cobrando taxas de R\$ 9.600,00 a 19.200,00 para a sua realização, além de exigir que os promotores deveriam garantir a limpeza da praça, segurança privada, aluguer de banheiros químicos e grades de proteção dos jardins. Foi determinado, também, que os promotores deveriam controlar a entrada da população no espaço público, recolher os alimentos não perecíveis ou cobrar ingressos, distribuídos

⁶ SESC TV - canal do Serviço Social do Comércio (SESC), São Paulo Disponível em: <http://arquiteturas.sesctv.org.br/category/praca-da-estacao/>

previamente em outro espaço da cidade. O novo decreto não satisfaz a vontade dos manifestantes.



Figura 6 – Imagem Praia da Estação, fevereiro 2012 ©Priscila Musa.

Durante os encontros de janeiro de 2010, os manifestantes decidiram realizar um bloco de carnaval do movimento. Na altura, a prática cultural do carnaval de rua, em Belo Horizonte, era praticamente inexistente. O ressurgimento foi estimulado por foliões que, em 2009, sem dispensa do trabalho durante o feriado ou mesmo sem recursos financeiros para viajar para outras festas de carnaval, realizaram dois blocos – Tico-Tico e Peixoto – e saíram às ruas, nos dias da festa, ocupando comunidades da cidade com marchinhas políticas, instrumentos musicais e fantasias. É importante ressaltar que esse movimento, por menor que fosse na altura, também foi de natureza político-cultural.

A resistência do movimento foi sendo solidificada. Os eventos continuaram a acontecer todos os sábados do verão e esporadicamente nos dias quentes ao longo do ano.

Com a resistência do movimento, em setembro de 2011, o prefeito Lacerda sancionou, enfim, aquela que ficou conhecida como Lei da Praça Livre, que permite a realização de eventos de pequeno porte nos espaços públicos da cidade sem depender de autorização municipal.



Figura 7 – Imagem Praia da Estação, ©Lincon Zarbietti.

Naquela altura, a Praia da Estação já se tinha firmado como ponto de encontro de debates sobre os novos rumos da cultura na cidade, permitindo, a partir disso, a organização de muitas articulações, alinhando discursos com alguns grupos artísticos.

A Praia da Estação gerou vários outros pontos de debate em relação à ocupação dos espaços públicos da cidade, além de ter agregado um grande número de pessoas da classe criativa, que aproveitaram este encontro para gerar novas formas de manifestações culturais, como o surgimento de novas bandas, coletivos de arte, produção cultural, como relata Janaína Macruz, produtora cultural e banhista da praia:

[...] depois disso acontece uma coisa maravilhosa que, para mim, 2010 é um marco na cidade de Belo Horizonte. A praia fez com que as pessoas que estavam fazendo coisas na cidade, engajadas tanto em movimentos políticos e sociais quanto artisticamente, se encontrassem e se conhecessem. Eu falo assim, mesmo na área da cultura. A gente, a galera da música, a galera do teatro se conheceu um ao outro. De repente se formou uma rede na cidade. A partir daí, um foi conhecendo o trabalho do outro, de levar coisa para a rua, e essa vontade de estar na rua também, se apropriar da cidade, transformou numa grande rede (entrevista de Macruz, 2014).

Bruno Medeiros, músico, e Matheus Rocha, músico e produtor cultural, relatam que a praia é um lugar de artistas de vários nichos e que o movimento proporcionou o encontro de várias pessoas, como no caso deles, de vários músicos. Bruno conta que a partir do movimento foi inaugurado o ateliê Alcova Libertina. "Muitos amigos começaram processos relacionados a bandas e até blocos de carnaval que continuam hoje e são referências na cidade" - relata Bruno.

"[...] a praia tem várias coisas. [...] Mesmo nós, da Casinha (Centro Cultural), começamos a fazer coisas na rua. O pessoal do Sensacional... eu não sei ao certo as datas, mas tudo coincide nessa época. [...] É gente nova com essa noção de pertencimento da cidade, onde as trocas acontecem, as pessoas que se conhecem, que fazem coisas novas e que movimentam toda a cultura da cidade. Essa coisa do encontro, acho que o grande lance foi esse, [...] encontrar, trocar ideias e propor coisas novas (entrevista de Rocha, 2014)".

É importante salientar, neste contexto, o ressurgimento do carnaval de rua de Belo Horizonte. De acordo com o historiador e carnavalesco Guto Borges, o carnaval da cidade começou a ressurgir em 2009, paralelamente à Praia da Estação, entretanto impulsionado pela mesma situação de cidade, o mesmo sentimento da sociedade em relação ao abuso de poder público. Até onde eu consigo perceber (até por fazer parte de dois inícios) o movimento da Praia da Estação e o do Carnaval de Rua foram dois movimentos distintos que, por compartilharem vontades políticas muito semelhantes, acabaram por terem suas trajetórias cruzadas. Isso fez a coisa explodir no nosso apoteótico sábado de carnaval, quando sai justamente o Bloco da Praia (entrevista de Borges, 2014, Anexo A, p.74).

Belo Horizonte já possuía, em seu cronograma festivo oficial, o desfile das escolas de samba. A função primária do incentivo do poder público para com o evento pauta-se pela necessidade de aumentar o fluxo turístico na cidade durante o feriado. Além do incentivo municipal, o carnaval oficial de Belo Horizonte projeta também a participação da iniciativa privada. Entretanto, percebia-se que em tal época os moradores da cidade, principalmente os jovens, deslocavam-se para outras cidades durante o feriado nacional e o fluxo de turismo era praticamente insignificante.

Nesta circunstância, os jovens da capital mineira propuseram um carnaval que motivasse os próprios moradores da cidade a ocupar as ruas para festejá-las, para reivindicá-las, reativando algo de essencial no carnaval brasileiro que havia se perdido na cidade: a sua irreverência e espontaneidade.



Figura 8 – Imagem Bloco de Carnaval Praia da Estação 2016, ©Rodrigo Clemente.

Ao longo dos anos, tal como a Praia da Estação, o carnaval foi ganhando força, destacando-se no cenário estadual e nacional. Em 2012, a BeloTur - Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte – começou a cadastrar os blocos de carnaval. De acordo com o *site*⁷, em 2012 foram cadastrados 24. Calcula-se que 70 blocos, dos quais 46 estavam oficialmente cadastrados, tenham saído às ruas em 2013.

No ano de 2014, inscreveram-se 132 blocos no *site* da BeloTur e em 2015 foram 177 os inscritos. Em 2017, o número de cadastros duplicou, chegando a 363 blocos, e quase três milhões de pessoas estiveram nas ruas da capital mineira durante o carnaval.



Figura 9 – Bloco de Carnaval Então Brilha 2016 ©Alexandre Guzanshe.

⁷ EMPRESA MUNICIPAL DE TURISMO DE BELO HORIZONTE. Disponível em: belohorizonte.mg.gov.br

O último carnaval de Belo Horizonte reuniu vários participantes, entre eles os turistas do interior de Minas Gerais e também de outros estados brasileiros, potencializando a cultura, a criatividade e o turismo na cidade.

Mapeamento Cultural

O grupo de pesquisa indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vem desenvolvendo mapeamentos da cultura de Belo Horizonte focados na produção contemporânea do espaço urbano. Trata-se de um estudo sistematizado da distribuição territorial das iniciativas culturais referentes aos setores prioritários da Secretaria da Economia Criativa em Belo Horizonte.

O estudo realizado pelo grupo tem como objetivo cartografar equipamentos e eventos culturais no território da cidade, criando um mapeamento abrangente que contemple o amplo leque de iniciativas culturais e criativas que inclua, para além dos equipamentos oficiais, práticas auto-organizadas e efêmeras.

Para uma maior compreensão dos surgimentos e evolução das manifestações culturais de caráter espontâneo nos espaços urbanos de Belo Horizonte, realizámos uma análise quantitativa desses movimentos através dos dados cedidos pelo grupo. Tendo em vista a complexidade do mapeamento, que passa por variadas concepções culturais – cultivadas/institucionalizadas e populares/espontâneas –, tornou-se necessário estabelecer um recorte nos movimentos que fossem mais interessantes de serem incluídos neste trabalho, denominado pelo grupo de pesquisa como: Atlas das Insurgências Multitudinárias. No Atlas foram indicadas as insurgências multitudinárias, de caráter espontâneo - movimentos socioculturais de grande relevância para a cidade - bem como ocupações, marchas, carnavais e assembleias populares realizados de 2006 a 2014.

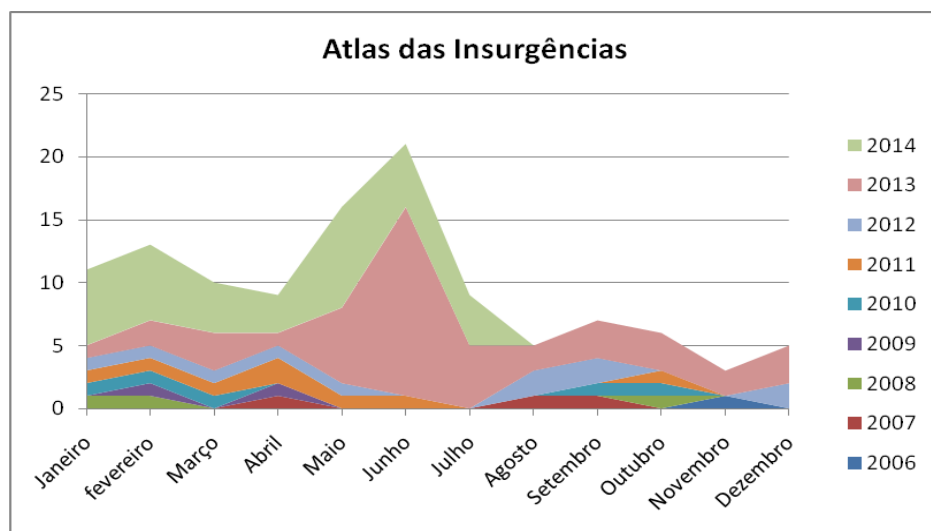


Figura 10 – Gráfico desenvolvido a partir do Atlas das Insurgências
Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se observar, no gráfico elaborado e desenvolvido a partir do mapeamento do grupo que as manifestações vêm crescendo gradualmente na cidade. Destaca-se, em 2013 e 2014, principalmente entre os meses de maio e julho, o surgimento de dezenas de agrupamentos urbanos de caráter político, principalmente devido à Copa das Confederações de Futebol e à Copa do Mundo no país. Entretanto, a maioria dos movimentos ocorridos ao longo do ano, sem considerar os meses referidos, não dizem respeito às manifestações contra os eventos futebolísticos.

Nota-se também que diversos movimentos de ocupação urbana começaram a surgir a partir de 2011, um ano após a primeira Praia da Estação, muitos deles realizados no entorno da Praça Rui Barbosa.

É notável o fortalecimento e o crescimento destes movimentos. Por meio de um exercício sócio-histórico, devemos compreender os eventos não como uma simples circunstância, mas como um acontecimento envolto em determinadas características de sua época. Mas não podemos desconsiderar a importância e a singularidade de cada um nos contextos que surgiram. Essas manifestações de ocupação na cidade assumem-se como espaço para discussão de reformulação dos modos de viver em sociedade, a partir do enriquecimento criativo da experiência urbana.

Considerações finais

De acordo com o estudo do antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004), há uma imprescindibilidade do estranhamento e desenraizamento no conhecer da cidade contemporânea. Esses fatores, segundo o autor, permitem atingir novas possibilidades cognitivas, a partir de um resultado de misturas imprevisíveis e causais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos. Essa afirmação remete para o caráter polifônico e híbrido da cidade, em que a escolha do objetivo, o que justifica a procura de um transeunte, constrói seu caminhar e permite vivenciar novos encontros. Perceber esses acontecimentos na cidade como pequenos encontros possibilita a análise do potencial de transformação social que esses eventos evidenciam por meio da ação humana⁸.

A multiplicação dos contextos tem consequências significativas para o modo como pensamos a sociedade contemporânea. A realidade social adquiriu uma fluidez difusa. A atual fluidez dessas oposições refere-se a conceitos e problemas com multiculturalidade, da sociedade aberta, da mobilidade social, da possibilidade de fazer valer pontos de vista marginais. A representação de uma realidade é sempre uma representação ligada a um contexto. Podemos sempre exigir que juntamente com a afirmação se comunique o âmbito a que ela se refere e no qual se insere. Quando assim se procede, a contingência torna-se automaticamente visível.

O que se observa é que há nesses movimentos uma mudança do desejo coletivo de transformar a cidade, remodelando os processos de relação civil nos espaços públicos e, conseqüentemente, a urbanização. É notável que exista um desejo coletivo de amenizar a degradação do tecido urbano. A Praia da Estação mostra a força da cultura como instrumento quando ligada à cidadania e à criatividade. Mesmo com tanta diversidade, múltiplas identidades e distantes realidades, é possível falar de uma cultura urbana em larga escala ou de uma condição urbana, encontrando-se na base linguagens e ritos de convivência desenvolvidos num espaço público comum.

É preciso reconhecer que os movimentos socioculturais explicitam o apreço coletivo pelos valores da cidade, que há neles potência criativa e desejo de influir nos destinos do lugar onde se vive. Lefebvre (2012) realça, em seu livro *O Direito à Cidade*, a importância das relações sociais na cidade e suas produções.

⁸Apud HARMANN, Massimo Canevacci - Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito happening.

“A cidade é obra, mais aproximável da obra de arte do que de um simples produto material. Se há produção da cidade e das relações sociais na cidade, tal constitui uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais que uma produção de objetos. A cidade tem uma história: ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam esta obra em condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não bastam para explicar o que nasce delas, nelas e por elas” (Lefebvre, 2012: 56).

É inegável a influência de tais manifestações no imaginário simbólico da população, que passa a compreender a possível desconstrução de estruturas opressoras de poder e que se apercebe do seu papel como agente de tais transformações, rompendo com a usual passividade em que se encontravam. Esses exemplos de transformações ambientais, provocadas pelo modo de viver da sociedade contemporânea, revelam uma ponderação sobre como o homem se realiza direta e indiretamente numa relação dialógica com o espaço que ocupa.

Essas ocupações do espaço urbano geram práticas culturalmente significantes e incorporam processos de construção da identidade de todos os participantes da comunidade, ainda que com posicionamentos e vozes diferenciadas no discurso social. São esses posicionamentos e vozes de mútua consideração, efeito, mudança e continuidade que garantem ao fenómeno a construção de significados a partir da incorporação e produção de sentidos. Entre atividades de ocupação, festividades e protestos, esses grupos tentam res-significar o espaço urbano para torná-lo um lugar de inter-relações.

Tais manifestações desenvolvem a capacidade de inovar e criar alternativas existenciais atrativas, na busca da qualidade de vida e do bem-estar humano, de forma comunitária. Passando pela compreensão de quadro económico, social e político, incluindo a historicidades do lugar, pode-se perceber que o encontro da classe criativa nos espaços urbanos funciona como elemento catalisador da identidade cultural de uma comunidade urbana, bem como da criatividade e ditames económicos, como o turismo.

Este estudo foi o ponto de partida para o tema de doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, no ISCTE-IUL, que se encontra em desenvolvimento. O propósito principal será investigar a relação entre o desenho urbano e a apropriação do espaço público contemporâneo enquanto espaço político, colocando em questão da ocupação dos movimentos sociais do século XXI nos espaços públicos tradicionais.

Bibliografia

- AMORIM, Patricia de Souza Caçado** – Cidades Criativas Espontâneas. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Dissertação de Mestrado.
- ANDRÉ, Paula; AMORIM, Patricia** – Civics, Redes Sociais, e Poder: relações criativas, in, Libro de Actas V Congresso Internacional **Cidades Criativas**. Porto: Faculdade de Letras, CITEM, icono14, 2017, p.972-985. http://www.citcem.org/cidadescriativas2017.com/wp-content/uploads/docs/Actas%20CC17-tomo2_OPT.pdf
- CARTA, Maurizio** - Creative city, dynamics, innovations, action. Barcelona: Listlab, 2007. Disponível na internet: http://www.academia.edu/1639648/Creative_City_Dynamics_Innovations_Actions
- CAVES, Richard** - Creative Industries: Contracts between Arts and Commerce, Cambridge, Harvard University Press; 2000
- FLORIDA, Richard** - A ascensão da classe criativa, London: Routledge, 2002
- HARMANN, Tedesco, Fabrício Viscardi Cardoso** - Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito happening. 23 *UnilaSalle*: 2013. Disponível na internet: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/929/900>.
- HOWKINS, John** - The Creative Economy: How people make money from ideas, Allen Lane: The Penguin Press, 2001.
- LANDRY, Charles** - The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators, London: Earthscan, 2009
- LEFEBVRE, Henri** - O Direito à cidade. Lisboa: MGL, 2012.
- MIGLIANO, Milene** - Praia da Estação Como Ação Política. Brasil: 11 *Redobra*, 2013: <https://pt.scribd.com/doc/150848641/Revista-Redobra11-Virtual>.
- OLIVEIRA, Igor** - Uma Praia nas alterosas, uma antena parabólica ativista. Mestrado em Educação UFMG: Belo Horizonte, 2012.